

## VARIAÇÕES LEXICAIS: UMA ANÁLISE DO ATLAS LINGUÍSTICO DO CEARÁ

Maria Lucas da Silva<sup>1</sup>  
 Maria do Socorro Silva de Aragão<sup>2</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa, inserida no âmbito da Dialectologia, tem como objetivo fazer uma breve análise do Atlas Linguístico do Ceará - ALECE (2010), a partir de dois itens lexicais selecionados para apresentar a variação lexical existente no falar cearense, nas três mesorregiões definidas pela equipe do Atlas Linguístico, que contempla as microrregiões: Ibiapaba Meridional, Baixo Jaguaribe e Chapada do Araripe. O referencial teórico centra-se nos estudos de Aragão (2009) e Cardoso (2010), os quais possibilitam uma reflexão sobre a importância do papel da Dialectologia e da Sociolinguística para a descrição dos fenômenos linguísticos, considerando os diferentes contextos sociais. O *corpus* da presente pesquisa compõe-se de dois itens lexicais adquiridos a partir da resposta às seguintes questões: questão 05 “Vento muito forte” e questão 18 “Água que não agrada o paladar”, ambas pertencentes à área semântica do vocábulo natureza. Constatamos, então, que, mesmo apresentando variações, algumas lexias são comuns a quase todas as cidades pesquisadas como é o caso das lexias “*salgada e saloba*”, assim como as lexias “*redemunho e tempestade*”. Concluimos, portanto, do *corpus* analisado, que os falantes escolarizados apresentam mais variação do que os informantes não escolarizados..

**Palavras-chave:** Atlas Linguístico do Ceará. Variação Lexical. Português falado no Ceará.

### 1 INTRODUÇÃO

As pesquisas desenvolvidas no Brasil, no âmbito da Dialectologia e Sociolinguística, têm crescido consideravelmente nos últimos anos, sobretudo no aspecto interdisciplinar, o que favorece o desenvolvimento de trabalhos consistentes acerca dos fenômenos linguísticos.

Esse crescimento foi potencializado, haja vista a grande dimensão territorial do Brasil que apresenta grandes diferenças culturais, regionais, sociais e linguísticas, e que, apesar dos contrastes, apresenta-se como campo fértil para a pesquisa.

Identificar e descrever os falares de uma determinada comunidade, atentando para os diversos aspectos é uma tarefa muito difícil, mas, ao mesmo tempo, muito gratificante,

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: [marialucasce@outlook.com](mailto:marialucasce@outlook.com). Professora da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ e Professora de Língua Portuguesa da EEEP Elsa Maria Porto Costa Lima em Aracati-CE.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

pois mostra, através das diferentes marcas linguísticas, a cultura, os costumes e os saberes de um povo.

Historicamente, tem-se reconhecido o caráter pluridialetoal das comunidades, ou seja, não é fenômeno recente, mas, atualmente é possível fazer uma descrição muito mais acurada dos fenômenos desse pluridialetoalismo, nessas comunidades, garantindo resultados seguros e compensadores, graças ao trabalho de especialistas renomados, com métodos adequados e eficazes para análise da diversidade linguística.

O trabalho de elaboração de Atlas Linguísticos pelos pesquisadores das universidades brasileiras denota uma preocupação em investigar e descrever os diversos falares de um povo, nos níveis fonético-fonológicos, lexicais, morfossintáticos e semânticos, bem como em mapear e registrar tais falares como marcas pertencentes a determinada região, a determinado falante, num determinado contexto, antes que essas marcas desapareçam, tendo em vista as relações nesse mundo globalizado, cujo intercâmbio cultural e linguístico é cada vez mais constante.

O léxico é, portanto, dentre as categorias de um atlas linguístico, uma categoria essencial, pois, conforme Pontes (2009, p.18), “o léxico de uma língua se define como um conjunto de palavras, vistas em suas propriedades, tais como: as categorias sintáticas, as categorias morfossintáticas, aspectos gramaticais diversos, informações etimológicas”.

Sendo assim, o presente trabalho se insere no âmbito da Dialectologia e tem o objetivo precípua de fazer uma breve análise do Atlas Linguístico do Ceará- ALECE (2010), a partir de dois itens lexicais selecionados para apresentar a variação lexical existente no falar cearense, nas três mesorregiões definidas pela equipe do Atlas linguístico que contempla as microrregiões: Ibiapaba Meridional, Baixo Jaguaribe e Chapada do Araripe.

## **2 ATLAS LINGUÍSTICO DO CEARÁ: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

O Atlas Linguístico do Ceará – ALECE (2010), mesmo seguindo orientações teóricas e metodológicas de outros Atlas, apresenta-se diferenciado dos demais nos aspectos metodológicos, e, principalmente nos objetivos, o que leva os pesquisadores a afirmarem que o Atlas Linguístico do Ceará não é um atlas de terminalidade puramente linguística.

Dessa forma, o objetivo geral do atlas centra-se na apuração da realidade linguística do Estado do Ceará, com o objetivo de fornecer dados que possibilitem uma descrição dos traços fonológicos, gramaticais e lexicais da Língua Portuguesa. Como desdobramento deste objetivo, os objetivos específicos estão correlacionados à tentativa de melhoria do processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Quanto à metodologia, inicialmente os pesquisadores pretendiam conciliar conhecimentos de diversas áreas como a Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, Etnolinguística e a Geografia Linguística e/ou Dialetologia Diatópica para o desenvolvimento do trabalho, mas foi considerado impraticável devido às dificuldades para cartografar dados sintáticos.

Por conta disso, a equipe do ALECE optou por aderir aos métodos da Dialetologia clássica tradicional e, conseqüentemente, desenvolveu a parte, um projeto sociolinguístico que recebeu o nome de Dialetos Sociais Cearenses.

No que concerne ao perfil social da amostra do ALECE (2010), os pesquisadores definiram as seguintes variáveis: escolaridade, idade, sexo e localização geográfica. Para o presente trabalho em questão, consideramos as variáveis escolaridade e localização geográfica.

No material do ALECE (2010), para a variável escolaridade, o nível de instrução foi assim detalhado:

- Analfabeto;
- 1º grau menor: completo ou incompleto;
- 1º grau maior: completo ou incompleto;
- 2º grau: completo ou incompleto;
- Superior: completo ou incompleto.

No entanto, para efeito cartográfico, os especialistas usaram apenas a seguinte classificação: alfabetizado e não alfabetizado.

Já a variável localização geográfica é considerada pelos pesquisadores do ALECE (2010) como “fator de identidade linguística e a compreensão desta assertiva reside no comportamento dos falantes, que reagem sempre, de algum modo, a qualquer manifestação linguística estranha ao uso da língua em sua comunidade” (BESSA, 2010, p.73). Isto porque, no âmbito da geolinguística, as diferenças dialetais estão diretamente vinculadas à distância geográfica entre as comunidades de fala.

### 3 DIALETOLOGIA, SOCIOLINGÜÍSTICA E VARIAÇÃO LEXICAL

Segundo Cardoso (2010), “a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Assim, a dialetologia cumpre o seu papel quando registra e descreve a diversidade linguística nos seus diferentes estágios num espaço geográfico, assim como quando registra os traços da cultura e as especificidades étnicas de determinada região e de seus falantes.

A sociolinguística, por sua vez, estuda a variedade da língua em relação à sociedade, cujos métodos se tornaram fundamentais para os estudos dialetológicos. Neste sentido, “a Dialetologia moderna utiliza-se, também, dos princípios e métodos da Sociolinguística, por exemplo, para caracterizar as variantes regionais e sociais daquela comunidade” (ARAGÃO, 2009). Para os sociolinguístas não é possível estudar a língua de forma autônoma, como entidade abstrata e independente de fatores sociais. Isto porque, a língua, é fato social e seu estudo só tem sentido em função do contexto social.

Entendemos, portanto, que fazer uso do modelo de análise proposto por William Labov para caracterizar e sistematizar as variantes existentes é, sobretudo, reconhecer o que disse Chambers e Trudgill (1980:54 apud ARAGÃO, 2009) “todos os dialetos são ao mesmo tempo regional e social, uma vez que todos os falantes têm uma experiência social, bem como uma localização regional”. Além disso, reconhecemos que todos os falantes são pessoas com idades e sexos diferenciados o que pode ser determinante para os usos e escolhas linguísticas desses falantes. Um jovem, certamente, tem suas escolhas linguísticas diferenciadas de um senhor ou senhora com a idade já avançada, assim como é possível observar diferenças significativas na fala de homens e mulheres.

No entanto, em se tratando do fenômeno da variação linguística, seja diatópica, diastrática, diafásica ou diageracional, é fundamental a compreensão de suas características em seus diversos níveis, pois segundo Teysier (apud CARDOSO, 2010, p.17) “as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto, que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra”.

Essa afirmação nos faz refletir sobre os limites da variação, pois muitos fenômenos pertencentes à variação diastrática são encontrados independentemente dos limites

regionais. Por outro lado, é possível compreender que o nível cultural e o avanço na escolaridade se apresentam como fatores que minimizam as diferenças nos modos de falar.

Tal reflexão se revela válida no sentido de que a variação lexical constitui apenas um dos modos de como a língua pode apresentar variação. Por isso, “numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar- variação diatópica- seja conforme a situação (mas formal ou mais informal) em que se está falando – variação diafásica” (BELINE, 2001).

O estudo das variações linguísticas, portanto, ainda merece destaque, pois apesar dos relevantes avanços dos estudos nesse campo, alguns estudiosos dos fenômenos linguísticos afirmam que ainda existe muita coisa a desvendar acerca da diversidade linguística no Brasil.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para o resultado desse estudo, fizemos uma pesquisa no Atlas Linguístico do Ceará – ALECE (2010), no qual selecionamos uma amostra composta dos itens lexicais “Ventania e Salobra”, pertencentes ao campo semântico “Natureza”.

O universo da pesquisa foi delimitado a partir dos critérios para escolha das localidades do ALECE que é dividido em quatro mesorregiões e vinte e três microrregiões homogêneas. Escolhemos, dentre as mesorregiões, uma microrregião e três dos seus municípios componentes. Deste modo, analisamos: a mesorregião Nordeste Cearense com a Microrregião Ibiapaba Meridional; Centro-Oeste Cearense com o Baixo Jaguaribe e Sul Cearense com a Chapada do Araripe.

As informações foram registradas em dois grupos: informantes escolarizados e informantes não escolarizados, pois, a escolaridade como foi informado anteriormente, consiste em uma das variáveis controladas pelo Atlas linguístico e que será considerada no presente trabalho, além da localização geográfica.

O *corpus* da presente pesquisa compõe-se de dois itens lexicais adquiridos a partir da resposta às seguintes questões: questão 05 “Vento muito forte” e questão 18 “Água que não agrada o paladar”, ambas pertencentes à área semântica da natureza.

Os quadros a seguir, nos mostram os resultados obtidos para as referidas questões em cada localidade selecionada.

Quadro 1 – Item Lexical: Ventania - Informantes escolarizados.

Mesorregiões	Nordeste Cearense			Centro-Oeste Cearense			Sul Cearense		
Microrregiões	Ibiapaba Meridional			Baixo Jaguaribe			Chapada do Araripe		
Itens Lexicais	Guaraciaba Do Norte	Tianguá	Viçosa do Ceará	Limoeiro do Norte	Morada Nova	São João do Jaguaribe	Araripe	Nova Olinda	Santana do Cariri
Localidades									
Furacão	X	X			X		X		
Redemunho		X		X	X	X	X	X	
Tempestade	X	X	X			X	X		
Vendaval	X	X					X		
Ventania			X					X	X

Fonte: Próprios autores.

O quadro 1, referente aos informantes escolarizados, mostra 05 variações para o item lexical Ventania, quais sejam: furacão, redemunho, tempestade, vendaval e ventania.

Na mesorregião Nordeste Cearense, observamos que os cinco itens lexicais são contemplados pelas três cidades pesquisadas. Na cidade de Guaraciaba do Norte para “Vento muito forte” foi dito: furacão, tempestade e vendaval; Na cidade de Tianguá, para “Vento muito forte” foi dito: furacão, redemunho, tempestade e vendaval; Na cidade de Viçosa do Ceará, para “Vento muito forte” foi dito: tempestade e ventania.

Já na mesorregião do Centro-Oeste Cearense no Baixo Jaguaribe, apenas três leixias são apresentadas nas cidades pesquisadas. Assim, na cidade de Limoeiro do Norte, para “Vento muito forte” foi dito: redemunho; na cidade de Morada Nova, para “Vento muito forte” foi dito: furacão e redemunho e na cidade de São João do Jaguaribe, para “Vento muito forte” foi dito: redemunho e tempestade.

Na Chapada do Araripe, que compõe a mesorregião Sul Cearense, observamos também, que nas três cidades pesquisadas os cinco itens lexicais foram contemplados pelos informantes. Em Araripe, para “Vento muito forte” foi dito: furacão, redemunho, tempestade, vendaval; na cidade de Nova Olinda, para “Vento muito forte” foi dito: redemunho e ventania; e na cidade de Santana do Cariri, para “Vento muito forte” foi dito apenas, ventania.

Verificamos, analisando o quadro, que as duas cidades que contém mais variação para o termo Ventania são Tianguá e Araripe, cidades que se localizam na microrregião da Ibiapaba Meridional e Chapada do Araripe, respectivamente. A microrregião do Baixo do Jaguaribe, por sua vez apresenta menos variação para o termo pesquisado.

Importante registrar que o item lexical redemunho, mesmo não sendo dicionarizado, e não sendo a forma padrão foi o mais citado pelos informantes escolarizados nas cidades de Tianguá, Limoeiro do Norte, Morada Nova, São João do

Jaguaribe, Araripe e Nova Olinda. Redemunho representa a forma popular de redemoinho que segundo o minidicionário Aurélio (FERREIRA, 2004) remoinho = redemoinho tem a seguinte acepção: “Movimento em círculo, causado pelo cruzamento de ondas ou ventos contrários; torvelinho”.

Quadro 2 – Item Lexical: Ventania – Informantes não escolarizados.

Mesorregiões	Nordeste Cearense			Centro-Oeste Cearense			Sul Cearense		
Microrregiões	Ibiapaba Meridional			Baixo Jaguaribe			Chapada do Araripe		
Itens Lexicais	Guaraciaba Do Norte	Tianguá	Viçosa do Ceará	Limoeiro do Norte	Morada Nova	São João do Jaguaribe	Araripe	Nova Olinda	Santana do Cariri
Localidades									
Redemunho				X	X	X			X
Tempestade	X					X	X	X	X
Ventania		X	X	X			X		

Fonte: Próprios autores.

O quadro 2 refere-se aos informantes não escolarizados. É curioso registrar que uma das hipóteses que tínhamos era a de que os informantes escolarizados teriam menos formas para o mesmo conceito, ao passo que os informantes não escolarizados apresentariam mais formas variadas. O *corpus* em questão nos mostra que a hipótese não se confirma, ou seja, os informantes não escolarizados apresentaram menos variação na resposta à pergunta “Vento muito forte” do Questionário do ALECE.

Deste modo, o quadro nos mostra apenas três itens lexicais para a pergunta “Vento muito forte”, quais sejam: redemunho, tempestade e ventania.

Na mesorregião Nordeste Cearense, a cidade de Guaraciaba do Norte apresentou a lexia tempestade; Tianguá e Viçosa do Ceará apresentaram a lexia ventania.

No Centro-Oeste Cearense, na microrregião do Baixo Jaguaribe, a cidade de Limoeiro do Norte apresentou as lexias: redemunho e ventania; Morada Nova apresentou a lexia redemunho; e São João do Jaguaribe apresentou as lexias: redemunho e tempestade.

Na mesorregião Sul Cearense, na Chapada do Araripe, a cidade do Araripe apresentou as lexias: tempestade e ventania; Nova Olinda apresentou a lexia: tempestade; e Santana do Cariri apresentou as lexias: redemunho e tempestade.

No quadro 2, o item lexical “tempestade” apresentou mais ocorrências, representando assim, a escolha lexical dos informantes das cidades de Guaraciaba do Norte, São João do Jaguaribe, Araripe, Nova Olinda e Santana do Cariri.

Quadro 3 – Item Lexical: Salobra – Informantes escolarizados.

Mesorregiões	Nordeste Cearense			Centro-Oeste Cearense			Sul Cearense		
Microrregiões	Ibiapaba Meridional			Baixo Jaguaribe			Chapada do Araripe		
Itens Lexicais	Guaraciaba Do Norte	Tianguá	Viçosa do Ceará	Limoeiro do Norte	Morada Nova	São João do Jaguaribe	Araripe	Nova Olinda	Santana do Cariri
Localidades									
Barrenta							X		
Poluída			X		X		X		
Ruim								X	X
Salgada	X	X	X		X	X			X
Saloba	X	X	X	X	X	X	X		
Salobra								X	
Suja						X	X	X	X
Impura	X								
Podre	X		X						
Travosa		X	X						
Estagnada		X							
Grossa			X						

Fonte: Próprios autores.

Em relação à questão 18 do ALECE (2010) “Água que não agrada o paladar” no *corpus* examinado, registramos 12 itens lexicais, quais sejam: barrenta, poluída, ruim, salgada, saloba, salobra, suja, impura, podre, travosa, estagnada e grossa.

Na mesorregião Nordeste Cearense, a cidade Guaraciaba do Norte apresentou as seguintes lexias: salgada, saloba, impura, podre; a cidade de Tianguá apresentou: salgada, saloba, travosa, estagnada; Viçosa do Ceará apresentou: poluída, salgada, saloba, podre, travosa e grossa.

No Centro-Oeste Cearense, na microrregião do Baixo Jaguaribe, a cidade de Limoeiro do Norte apresentou apenas uma ocorrência, o item lexical saloba; Morada Nova apresentou: poluída, salgada, saloba; São João do Jaguaribe apresentou: salgada, saloba e suja.

Na mesorregião Sul Cearense, a cidade do Araripe apresentou as seguintes lexias: barrenta, poluída, saloba e suja; a cidade de Nova Olinda apresentou: ruim, salobra e suja; a cidade Santana do Cariri apresentou: ruim, salgada e suja.

Os dados revelam que a cidade de Viçosa do Ceará apresentou um maior número de itens lexicais, entre os quais, travosa e grossa, diferentes dos demais. Acreditamos que a motivação encontrada pelo falante para o uso da palavra travosa está ligada à palavra travo que segundo o Minidicionário Aurélio (FERREIRA, 2004) significa “sabor adstringente de comida ou bebida”. Já para a lexia grossa, acreditamos que o falante atribui este sentido por contrapor a algo que é fino, limpo. Sendo assim, “água que não agrada o paladar” é considerada grossa.

Outro item lexical que nos chamou a atenção refere-se à estagnada, lexia apresentada na cidade de Tianguá, no nordeste cearense. O que teria levado o falante a dizer tal palavra como tentativa de responder à questão “água que não agrada o paladar”? Estagnar segundo o minidicionário da língua Portuguesa (XIMENES, 2000) significa “fazer estancar (um líquido); ficar (a água) presa em poço, lago.” A partir da análise das acepções, o que podemos inferir é que o falante pode estar ligando o termo à questão de a água estar parada em poço, lago, sem movimento, e isto não seria bom para o consumo e, portanto, não agradaria ao paladar. Uma única ocorrência aconteceu para o item lexical “salobra”, na cidade de Limoeiro do Norte, na microrregião Baixo Jaguaribe.

Verificamos que os itens que apresentaram um maior número de ocorrências foram: salgada e saloba, um total de seis e sete, respectivamente para nove cidades pesquisadas. Importante registrar que, com base no ALECE (2010), a lexia saloba não constitui variante lexical, tendo em vista o que é considerado como fenômenos não-geradores de variantes lexicais - “a não-realização de /r/ depois de contóide oclusivo, e a troca de /a/ por /u/ em posição final absoluta, ambos testados no VOLP: “nega (ê) s.f.: ‘negra’ “ e “bacano adj. s.m.: ‘bacana’ “; daí as formas saloba e salobra nas CARTAS 045.L019 e 046.L020, salobro e salobo nas CARTAS 051. L021 e 052. L022, respectivamente”(ALECE, 2010, p. 12 v.02).

Quadro 3 – Item Lexical: Salobra – Informantes não escolarizados.

Mesorregiões	Nordeste Cearense			Centro-Oeste Cearense			Sul Cearense		
Microrregiões	Ibiapaba Meridional			Baixo Jaguaribe			Chapada do Araripe		
Itens Lexicais	Guaraciaba Do Norte	Tianguá	Viçosa do Ceará	Limoeiro do Norte	Morada Nova	São João do Jaguaribe	Araripe	Nova Olinda	Santana do Cariri
Localidades									
Salgada	X		X	X	X	X	X	X	X
Saloba	X	X	X	X		X	X	X	X
Salobra				X					
Sebosa									X
Suja			X						
Toldada					X				

Fonte: Próprios autores.

No quadro 4, temos as respostas dos informantes não-escolarizados para a questão “Água que não agrada o paladar”, registrando seis lexias, quais sejam: salgada, saloba, salobra, sebosa, suja e toldada.

Na mesorregião Nordeste Cearense, a cidade de Guaraciaba do Norte apresentou as seguintes lexias: salgada e saloba; Tianguá apresentou apenas a lexia saloba e Viçosa do Ceará apresentou salgada, saloba e suja.

Na mesorregião Centro-Oeste Cearense – Baixo Jaguaribe a cidade de Limoeiro do Norte apresentou as seguintes lexias: salgada, saloba e salobra; em Morada Nova as lexias apresentadas foram: salgada e toldada e em São João do Jaguaribe as lexias apresentadas foram: salgada e saloba.

No Sul Cearense - Chapada do Araripe, as cidades de Araripe e Nova Olinda apresentaram as seguintes lexias: salgada e saloba e em Santana do Cariri as lexias apresentadas foram: salgada, saloba e sebosa. Verificamos que as cidades que mais apresentaram variação foram: Viçosa do Ceará, Limoeiro do Norte e Santana do Cariri, todas com três ocorrências.

Os itens lexicais que apresentaram um maior número de ocorrências foram: salgada e saloba, ambas com um total de oito ocorrências. Esses itens lexicais também foram os que apresentaram um maior número de ocorrências no quadro dos informantes escolarizados.

A lexia “toldada” apresentou apenas uma ocorrência na cidade de Morada Nova no Baixo Jaguaribe. Toldar, segundo o Minidicionário Aurélio (2004) significa: “1. Cobrir com tolda ou toldo. 2. Nublur. 3. Tornar escuro; obscurecer. 4. Obcecar, cegar. 5. Turvar-se (o vinho) na vasilha. 6. Nublur-se”. Analisando as acepções, acreditamos que a lexia toldada, pertencente aos informantes da cidade de Morada Nova, esteja semanticamente vinculada à acepção tornar escuro, bem como à acepção turvar-se (o vinho) na vasilha.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou-nos conhecer, em detalhes, um pouco mais sobre o Atlas Lingüístico do Ceará – ALECE (2010), o que nos permitiu fazer algumas considerações no que diz respeito às variações apresentadas pelos grupos pesquisados.

As respostas às questões 05 “Vento muito forte” e 18 “Água que não agrada o paladar” do Questionário do ALECE (2010), obtidas nas cidades de Guaraciaba do Norte, Tianguá, Viçosa do Ceará, Limoeiro do Norte, Morada Nova, São João do Jaguaribe, Araripe, Nova Olinda e Santana do Cariri, nos dão a oportunidade de conhecer os falares dessas cidades dentro de um mesmo estado e, ao mesmo tempo, reconhecer a grande diversidade lexical existente.

Constatamos então que, mesmo apresentando variações, algumas lexias são comuns a quase todas as cidades pesquisadas como é o caso das lexias “salgada e saloba”, assim como as lexias “redemunho e tempestade”.

Conclui-se, portanto, do *corpus* analisado que os falantes escolarizados apresentam mais variação do que os informantes não escolarizados. Para a questão “vento muito forte” os informantes escolarizados apresentaram 05 (cinco) lexias, os informantes não escolarizados apresentaram 03 (três) lexias. Já para a questão “Água que não agrada o paladar”, os informantes escolarizados apresentaram 12 (doze) lexias, enquanto os não escolarizados apresentaram apenas 06 (seis) lexias.

A pretensão do presente trabalho era analisar o Atlas Linguístico do Ceará a partir de duas lexias e ver suas ocorrências de variação, mas a análise feita possibilitou-nos compreender, também, o quanto é importante o estudo dos atlas linguísticos para o registro da língua falada no Brasil, bem como para o desenvolvimento do ensino da Língua Portuguesa, numa perspectiva dialetológica, sociolinguística e etnolinguística..

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. O léxico da região do norte do Brasil. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (Org.). **Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia**. Fortaleza: UFC/MÍDIA, 2009.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BESSA, José Rogério Fontenele. (Coord.). **Atlas linguístico do Estado do Ceará**. Vol.1. Fortaleza, UFC, 2010a.

\_\_\_\_\_. (Coord.). **Atlas linguístico do Estado do Ceará**. Vol. 2. Fortaleza, UFC, 2010b.

\_\_\_\_\_ et ali. (Dir.). **Questionário do atlas linguístico do Estado do Ceará**. Fortaleza: UFC, 1982.

CARDOSO, Suazana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 6. Ed. Curitiba: Positivo, 2004.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar**: o que é como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2000.